

NUNES, Tote. Cartões-postais exibem imagem irreal de Campinas: fotos desatualizadas mostram pontos da cidade que sofreram transformação. Correio Popular, Campinas, 20 mar. 1991.

□ **Fotos desatualizadas mostram pontos da cidade que sofreram transformações**

TOTE NUNES

Se algum viajante ou turista de passagem por Campinas se dispusesse a enviar cartões postais da cidade para conhecidos seus, correria sério risco de mentir. Os cartões postais de Campinas envelheceram. A maioria deles retrata uma cidade que já não existe mais. Os cartões à venda nas bancas de revistas e jornais mostram lugares que já foram demolidos, praças que estão transformadas, monumentos descaracterizados e lagos e cisnes que desapareceram.

Em qualquer banca de jornal, o viajante poderia pagar Cr\$ 100,00 pelo cartão postal *Lago dos Cisnes*, um dos recantos preferidos dos namorados na década de 70. A foto mostra lagos tão sinuosos quanto as pequenas pontes e cisnes. Tudo, rodeado de árvores e flores. Ao fundo, um edifício dá mostras do potencial urbano da cidade. O bucólico lago de então hoje deu lugar ao metálico Terminal Central — de onde partem os ônibus do sistema de transporte urbano. O lago tranqüilo e seus orgulhosos cisnes permanecem, porém, no cartão. E, talvez, na retina do destinatário.

De acordo com os postais, a réplica da caravela que trouxe Cabral às costas brasileiras há quase 500 anos flutua nas águas nada bravias da Lagoa do Taquaral — ainda que ela tenha saído de lá para um conserto em terra firme há pouco mais de um ano.

O Teatro de Arena dos cartões postais remete o visitante aos pioneiros gregos e a toda uma escola clássica da representação. Mas o teatro que o campineiro vê atualmente é outro, coberto por uma lona azul que lembra um circo mambembe.

As quatro entradas do Arena foram fechadas com tapumes de obra que parecem envergonhados sob o olhar fulminante da torre que pende para o centro.

No Convívio, na Catedral, uma mudança drástica: as frondosas árvores irrigadas com os respingos de chafarizes em forma de abóboda e iluminadas por “globos” de luz em forma de losango foram decepadas. Hoje, a estátua de Dom João Nery deve olhar, estupefata, as barracas de marreteiros, as cartelas de bingo que são vendidas aos montes, o caminhão de som da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o entra-e-sai no banheiro público volante apelidado de “Pipi-Móvel”.

Existem postais da Catedral em que nem mesmo os nostálgicos chafarizes aparecem. Pela Rua Treze de Maio, “Fusquinhas” e automóveis Brasília circulam imponentes por entre pessoas. Eles mal sabiam que alguns anos depois perderiam a guerra para os pedestres e seriam obrigados a roncar longe dali.

A alguns quarteirões da Catedral, o verde dos jardins que circundavam a centenária Estação Ferroviária da Fepasa também desapareceu, embora algum amigo do viajante desavisado pudesse recebê-lo na foto do cartão postal. Flores e plantas que contrastavam com a cor vermelha dos centenários tijolos do prédio do terminal ferroviário perderam espaço para os veículos em nome do desenvolvimento do sistema viário da região.

Também por conta das imagens defasadas dos cartões postais, o estádio Brinco de Ouro da Princesa, do Guarani, está irreconhecível. Com apenas um lance de arquibancadas, o estádio é circundado por terrenos parcialmente ocupados de um loteamento. Os tempos eram tão antigos que o título no Campeonato Brasileiro de 1978 não passava pela cabeça do mais fanático dos torcedores.



*O lago sob o Viaduto Miguel Vicente Cury perdeu espaço para o terminal de ônibus (no destaque). Mudou também a propaganda no alto do edifício*



*Antes de ganhar nova arquibancada e assistir ao crescimento urbano à sua volta (no destaque), o estádio do Guarani era uma ilha cercada por terreno*